

## A enunciação aforizante

*Dominique Maingueneau  
Université de Paris XII*

Pretendemos, nesta conferência, abordar um tema que envolve fatores tais como a enunciação e os enunciados que, por falta de termo melhor, serão aqui chamados de “destacados”.

Em nossa sociedade circulam, quer sob a forma oral, quer sob a forma escrita, um grande número desses enunciados. Expliquemos melhor: estamos aqui nos referindo aos enunciados curtos, representados, na maior parte dos casos, por uma única frase, quando são retirados de seu contexto original ou, em outras palavras, quando são descontextualizados. Tais enunciados são normalmente atribuídos a uma fonte autorizada (que pode ser representada por um indivíduo ou por uma entidade abstrata, tal como, por exemplo, “a sabedoria popular”). Isso acontece, principalmente, no caso específico dos enunciados que compõem os provérbios. Entre esses enunciados, existem alguns que já se mostram, de modo natural, “destacados”, ou seja, são enunciados que foram assim concebidos desde sua origem. Vamos incluir nesse caso as máximas, os provérbios e as divisas, entre tantos outros. Aliás, devemos lembrar que os lingüistas têm geralmente mostrado um grande interesse pelo estudo desse tipo de enunciado. Porém, existe um outro tipo de enunciado “destacado”: aqueles que foram isolados ou retirados de um determinado texto pela ação de um ou de vários agentes. Tais enunciados seriam correspondentes às citações, no sentido tradicional que a palavra carrega.

Em relação a esse último tipo de “destacamento”, a atenção do analista vai-se voltar, de modo natural, para a “destacabilidade”, ou seja, para os procedimentos de “destacamento” dos enunciados em pauta. Ora, o “destacamento” não acontece, necessariamente, sem a intervenção do autor do texto original, fenômeno que aparece, com relativa freqüência, graças à ajuda de procedimentos ligados a diversos domínios, tais como os sintáticos, os prosódicos, os semânticos, os tipográficos etc. Esses procedimentos são convocados pelo autor, que parece assinalar, dessa forma, o fato de que certos fragmentos de seu texto são suscetíveis à operação de “destacamento”. Propusemos, num primeiro momento, que esse fenômeno fosse chamado de “sobre-asserção”.

No entanto, vemos agora que a noção de sobre-asserção não é suficiente para operar a descrição do funcionamento efetivo dos enunciados “destacados”. Devemos considerar, na verdade, que um grande número dentre eles não se refere a simples fragmentos que passaram pelo dito processo, ou seja, pela sobre-asserção e, além disso, que quase todos sofreram transformações no momento de seu “destacamento”. Introduziremos, pois, aqui um novo conceito, que chamaremos de “aforização”. A aforização designará o regime enunciativo específico dos chamados “enunciados destacados”. Desse modo, cortamos o elo entre a sobre-asserção e o enunciado “destacado” propriamente dito. Nosso interesse será, assim, deslocado para o estudo das propriedades lingüísticas – podemos citar, nesse caso, as propriedades enunciativas, as propriedades pragmáticas e mesmo as propriedades antropolingüísticas – de uma enunciação aforizante. Não se trata aqui de questionar se o enunciado “original” foi alterado pela operação de “destacamento” ou se aquele que destaca esse enunciado está respeitando ou não as intenções do autor; trata-se, sim, de considerar tudo aquilo que implica a descontextualização de tais enunciados.

Após ter mencionado os traços gerais dessa problemática, buscaremos dar uma atenção particular às diversas dimensões da noção de aforização, que, queremos crer, não foi ainda estudada ou analisada de modo preciso. O fato é que tal noção envolve

problemas de ordem modal, de ordem referencial, de ordem textual e até mesmo de ordem hermenêutica e genérica.

No que diz respeito a esse último aspecto, a questão que se coloca é a de saber se, como tem sido normalmente admitido, toda enunciação deverá inscrever-se no horizonte de um gênero do discurso. É bem verdade que toda enunciação aforizante intervém no interior de uma configuração textual; no entanto, a pretensão pragmática dessa enunciação consiste justamente em ignorar tal necessida